

LER LIVROS DE IMAGEM: BUSCAR PALAVRAS E CONSTRUIR NARRATIVAS

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
Universidade Federal da Paraíba
claurenia@gmail.com

RESUMO:

O livro de imagem, que também é conhecido como livro sem palavra, tem ganhado espaço nas edições. Igualmente nas atividades de mediação de leitura, não só pela sua característica de material que tende a ser lido por quem ainda não sabe ler, como crianças pequenas, mas também pela diversidade de títulos, o que já o configura como um gênero da literatura indicado para crianças. Considerem-se as possibilidades de diálogo que as imagens, sem acompanhamento de texto escrito, oferecem em atividades de mediação de leitura. Esta observação recai, neste artigo, especialmente, no que concerne ao desenvolvimento da capacidade de expressão oral e das investidas que se podem realizar na arte de contar histórias. O recorte da pesquisa aqui apresentado refere-se a leituras de livros de imagens por professores e estudantes de pedagogia, em atividades leitoras que visam à formação de mediadores de leitura, incluindo, nessa proposta, a abordagem de livros de imagem. Favorecendo a leitura desses suportes textuais, analisam-se também possíveis dificuldades que esses adultos, participantes da pesquisa, apresentam ao se defrontarem com essa leitura imagética. Essa discussão amplia-se, no que concerne às formas de mediação de leitura realizadas, focando, principalmente, nas artes de contar histórias, incentivando os leitores a criarem discursos narrativos sugeridos pela sucessões imagéticas que compõem os livros de imagem. Essa parte da pesquisa, sistematizada no artigo em questão, apoia-se em estudos de autores como Hunt (2010), Girotto e Souza (2010), Fittipaldi (2008), e Moraes (2008) e utiliza imagens de Vincent (2009).

Palavras-chaves: livro de imagem, mediação de leitura, contação de histórias, formação de professores.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo contempla dois aspectos distintos e ao mesmo tempo integrados: a leitura de livros de imagem e a mediação de leitura desses livros para favorecer a sua leitura por adultos. No que concerne ao primeiro aspecto, abordam-se os livros de imagem na sua especificidade narrativa, considerando-se que são livros compostos de ilustrações, sem texto escrito para referi-las ou orienta-las, sendo esse conjunto de imagens concebidas na intenção de criar a narrativa. O segundo aspecto refere-se a professores em formação, com pouco conhecimento dos livros de literatura e que estão começando a tomar ciência desse material. Demonstram a necessidade de serem “iniciados” não só nos acervos de literatura infantil, mas também, especificamente, na composição das narrativas que os livros de imagem sugerem.

2.LIVROS DE IMAGEM: PARA CONTAR HISTÓRIAS

Buscando impressos para garantir uma boa contação de história, têm relevo os livros de imagem em um universo variado de materiais que favorecem essa atividade de ricas possibilidades de interação. O fato de os livros de imagem não apresentarem palavras escritas nas suas páginas, isso não os afasta do universo das palavras, considerando que são necessárias as palavras, um texto criado pelo leitor, para que as histórias sugeridas ganhem vida na voz de tantos contadores. As imagens que compõem o livro têm a autoria de um ilustrador que as concebe na intenção de que a partir delas, o leitor possa recriar uma narrativa que vai ter referência nessas imagens.

A múltiplas formas de incentivar a leitura passam, principalmente, pela relação que se estabelece entre o texto e o leitor. Essa interação pode ser ampliada com a presença do mediador de leitura, aquele que se coloca entre o texto e o leitor, aquele que favorece, motiva, orienta, enriquece a leitura do texto por parte do leitor. No que se refere ao livro ilustrado, mais especificamente, o livro de imagem, o mediador auxilia o leitor no que se refere ao exercício de ler as imagens e com elas compor significados, na elaboração de um texto, antes de tudo oral, que diga das imagens apreciadas. Margareth Meek, citada por Hunt (2010), discutindo sobre livros ilustrados de literatura infantil, entre os quais os livros de imagem estão incluídos, afirma que

Podemos dizer que uma página em um livro ilustrado é um ícone para ser contemplado, narrado, explicado pelo expectador. Ela guarda a história até que haja uma narração. [...] O leitor tem que descobrir qual dos eventos pictóricos transmite o argumento, enquanto cada releitura mostra que outros dados também podem ser levados em conta. (HUNT, 2010, p. 234)

A partir das imagens contidas na página, o leitor processa a narrativa. Ao ler um livro de imagem, ao passar as páginas, o leitor é convidado a acessar seus 'arquivos' da memória visual, seus saberes culturais, sua noção de relação entre as personagens ali retratadas, dentre outros aspectos que as imagens mostram e podem sugerir, para que possa construir uma narrativa que se busca coesa e coerente. Mas não é só ver e interpretar cada imagem, de modo isolado, mas,

principalmente, como sugere o autor citado, identificar o argumento que favorece construir a narrativa que, diga-se de passagem, vai incluir todas as imagens do livro.

O livro de imagem constitui-se como um material especial que favorece ‘aprender a ver’. Ver a imagem, reconhecer variações de cores, identificar detalhes na ilustração, texturas, materiais utilizados para compor a imagem. Dentre as atividades que compõem a leitura de livros de imagem está deter-se em cada figura, nos detalhes de cada página ilustrada, antes mesmo de contar a história que se pode compor como leitura do conjunto de imagens. Considere-se que a capa e a contracapa, em muitas publicações, fazem parte da narrativa. De um modo geral, a capa e a contracapa lançam pistas para identificação das personagens ou para aspectos da história. As variadas oportunidades de ver ilustrações em livros diversos favorece reconhecer os ilustradores pelo estilo do seu traço ou de materiais por ele utilizados para compor seus trabalhos.

Aprender a ver também inclui reunir condições para a leitura, reconhecer um texto inteligível que o conjunto das imagens do livro pode levar o leitor a construir. A forma como as páginas são compostas, a ilustração que ocupa cada página, a forma como essas imagens estão distribuídas no livro. Segundo Moraes (2008),

No passar das páginas, o projeto gráfico nos indica uma idéia de *ler*, isto é, uma idéia de um tempo para se olhar cada página, de um ritmo de leitura por meio do conjunto de páginas, de um balanço entre texto escrito e imagem, para que, juntos, componham e conduzam a narrativa (p.50, 51).

As imagens que compõem integralmente o livro conduzem o leitor a uma compreensão de um sentido para o livro. Essa leitura atenta leva o leitor a dialogar com as imagens, para construir a sua narrativa, o seu texto a partir da sucessão de imagens que vê.

Por vezes, o leitor não acostumado a essa leitura das imagens (sem acompanhamento de um texto escrito que as apoie na construção de uma leitura), não consegue, a princípio, perceber essa série de imagens como passível de compor uma narrativa. Assim, da mesma forma que para o texto escrito, por vezes, faz-se necessário o acompanhamento de um mediador, também para o livro de imagem esse apoio pode também ser requisitado. O mediador de leitura é aquele que situado entre o texto e o leitor, colabora com este para que se sinta capaz de compor sentidos para o texto que está sendo lido. Ler imagens ou textos escritos constitui-se como exercícios de composição de sentidos que ampliam o conjunto daqueles textos que compõem os repertórios do leitor.

Fitipaldi (2008, p.103) afunila a discussão sobre a narrativa através de imagens e lhe confere uma prerrogativa singular, quando afirma que “toda imagem tem alguma coisa pra contar. Essa é a natureza narrativa da imagem”. A autora ainda complementa a afirmação buscando reforço em uma vivência de quem lê imagens:

“Se ao olharmos uma imagem podemos perceber o acontecimento em ação, o estado representado, uma ou mais personagens “em devir”, podemos imaginar também um (ou mais) “antes” e um (ou mais) “depois”. E isso é narração.” (FITIPALDI, 2008, p. 103).

O que fica patente é que a sucessão de imagens do livro ilustrado, sem um texto para balizar a narrativa que pode surgir da sua leitura, constitui-se como uma forte motivação para o leitor encadear ideias que levam a uma contação, a construir e contar uma ou mais histórias, dependendo da sua capacidade de imaginar, de recriar os significados do que está retratado, de escolher as palavras adequadas a restaurar a cena, de ler as entrelinhas da imagem (considerando existir linhas imaginativas nas imagens ali colocadas para serem interpretadas, lidas).

3. LER IMAGENS: EXERCÍCIOS DE ORALIDADE

O livro de imagens conduz o leitor a verbalizar o encadeamento de ideias que a sucessão de imagens lhe sugere. Como afirmou Pedro Lourenço, quando criança de 6 anos, sobre um livro de imagem que lhe foi apresentado como ‘um livro sem palavras’. Ao ouvir a especificação, ele buscou corrigir a qualificação, apontando que ‘não existe livro sem palavras, porque a gente tem que encontrar as palavras para explicar o livro...’ Observe-se que ele teve razão no que observou, uma vez que, qualquer pessoa, na condição de leitor daquelas imagens, devia buscar, ‘encontrar’ pelo menos uma narrativa que o conjunto de imagens contidas no livro pode sugerir. As imagens mostram-se e parecem pedir para serem lidas, uma vez que trata-se de um livro, um conjunto de páginas colocadas de modo específico, cujas imagens ali colocadas compõem pelo menos um sentido. O texto imagético revela-se e ao mesmo tempo esconde sentidos que buscando ser ‘explicados’, elucidados, revelados pelo leitor, na direção de, pelo menos, uma narrativa possível.

Quando se traz para ler um livro de imagem, motiva-se o leitor a construir a sua leitura sobre aquele conjunto imagético. Esse exercício de ler tem início na capa do livro que chama a

atenção para algum aspecto que evoca uma narrativa que o livro pode suscitar. Por vezes está retratada uma personagem ou todas elas; um momento da narrativa que retrata personagem e paisagem ou o local onde alguma cena tem lugar; a primeira imagem, aquela que dá início à história que o livro ‘esconde’. A capa do livro motiva o leitor a fazer inferências sobre o que o livro trata, a buscar, antecipar sentidos que, durante e/ou após a leitura do conjunto das imagens que estão no livro serão confirmados ou não. Essa primeira imagem pode sugerir ao leitor que ideia será motivo de discussão. Girotto e Souza (2010), discutindo formas de mediar a leitura literária, considerando a importância de incentivar as crianças a fazerem inferências sobre o que vão ler ou estão lendo, reforçam, afirmando que:

“Quando os leitores inferem e predizem, criam uma interlocução com o texto, usam seus conhecimentos prévios e o texto com a finalidade de estabelecer expectativas do que vai acontecer ou que informações o texto irá conter. Isso pode envolver conhecimento sobre vocabulário, um conceito, organização do texto, sobre o autor ou outras conexões que é preciso ter para com o texto.” (2010, p76)

Observe-se que as autoras não estão discutindo, especificamente, sobre livros de imagem, mas sim sobre formas eficientes de ensinar a criança a compreender os textos literários que lê. Considerando que as ‘imagens sem texto escrito’ de um livro de literatura infantil compõem narrativas e que essas imagens sugerem que cada leitor ‘ache as palavras’ que trarão à tona a história que se esconde nas imagens, que o leitor componha a história, lendo as imagens, pode-se afirmar que ler livros de imagem constitui-se como uma excelente exercício de descoberta e composição narrativa. Essa leitura, resultado de uma construção da narrativa, constitui-se, primeiramente como exercício de oralidade. Favorece à criança exercitar o pensar, a estruturação de um discurso coerente e coeso, na intenção de compor o seu texto oral.

Desenvolver atividades de mediação de leitura literária em sala de aula pressupõe a diversidade de títulos, de gêneros e de suportes textuais disponíveis, com os quais os leitores entram em contato. Ler significa, não só decodificar, mas também compreender o texto lido. Em se tratando da leitura de imagens que, compondo textos, ou seja, material a ser lido, na sua especificidade, necessita também de leitores, aqueles que imprimem sentido ao conjunto de imagens que compõem o livro. Mesmo sem texto escrito, as páginas contendo as imagens ‘aguardam’ leitores competentes que componham a(s) narrativa(s) ali sugerida(s).

4. MEDIAÇÃO DE LEITURA DO LIVRO DE IMAGEM – UMA EXPERIÊNCIA

O mediador de leitura é aquele que situado entre o texto e o leitor, busca favorecer esse encontro elucidativo que conduz à compreensão do texto pelo leitor; é quem oferece a segurança necessária para apoiar o leitor para que ele realize a sua compreensão do texto. Quando se trata de leitura literária do livro ilustrado, o mediador de leitura colabora com o leitor para que ele descubra, de maneira coerente e coesa, a ‘sua’ leitura do texto em pauta. Da mesma forma que um mediador se dispõe a colaborar com o leitor, na sua iniciação à leitura do texto escrito, discutindo as possibilidades de sentidos para o texto, incentivando o leitor a avançar nas suas descobertas, apontando possibilidades de leitura que não foram percebidas, também pode ser um apoiador na observação das imagens, na leitura do livro como um todo, compondo a narrativa que a sua leitura tem a possibilidade de construir.

O livro de imagem, como a denominação já indica, não tem o suporte do texto escrito. A capacidade que o leitor apresenta de reconhecer nas imagens a possibilidade da narrativa lhe confere condições de compor textos que elucidam o livro. A ação pedagógica na leitura do livro de imagem reside em apoiar o leitor na leitura das imagens e na devida concatenação delas para a composição da narrativa. Independe da faixa etária do leitor apresentar dificuldades em ler um livro de imagem, em reconhecer nas páginas desse livro sentidos que só os afeitos a essa leitura são capazes de identificar. Da mesma forma que se faz necessário iniciar o leitor na leitura de obras literárias de autores diversos, também os livros de imagem apresentam dificuldades para serem compreendidos na sua especificidade e gerarem para o leitor um sentido. O leitor competente das imagens, como dos textos escritos, também é aquele que conhece um maior e melhor repertório de textos, aquele que tem condições de fazer mais conexões com o que vê impresso nas páginas a serem lidas.

A experiência em lidar com adultos leitores, iniciantes na literatura infantil, garante afirmar que não somente as crianças necessitam de apoio para se tornarem leitoras competentes dos livros de imagens. Os adultos que não conhecem esses livros demonstram dificuldades em elaborar um texto resultante da leitura desse material. Para melhor observar esse fato, sem mencionar nenhuma especificação do livro de imagem, apresento aqui uma experiência que já realizei, renovadas vezes.

No curso de Pedagogia em uma disciplina dedicada ao estudo da literatura infantil e, principalmente a sensibilizar os pedagogos a se envolverem com a leitura literária, dedico uma parte do programa, a última unidade do conteúdo a ser proposto, ao estudo das imagens e, especificamente à leitura de livros de imagem. Dou início a essa parte comentando sobre livros

ilustrados, considerando que já vimos muitos, no decorrer do semestre, garantindo que os alunos possam se situar quanto à temática. Menciono o livro de imagem, enquanto mostro um deles. O último livro que ilustrou essa conversa foi 'A pequena marionete', de Gabrielle Vincent, cujas imagens contam a história de um menino que, ao ver a manipulação/encenação, no teatro de bonecos, de uma 'menininha' que é ameaçada por um 'lobo', para salvar a menininha, rouba-a e sai correndo com ela, para salvá-la do lobo. É perseguido pelo dono do teatro... a história tem um final feliz.

As páginas do livro são brancas e as cenas são desenhadas a lápis, retratando somente esboços das personagens e dos objetos em cena. Os desenhos mais sugerem que mostram. Chama a atenção do leitor as expressões do rosto do menino ao descobrir o teatro, ao rir de modo divertido quando vê a bonequinha em cena, representando a menininha indefesa, ao interagir com amizade com ela, ao se preocupar com ela que, em cena, corre perigo. A ilustradora registra, com seu traço, os gestos e as expressões do rosto, de amizade e preocupação, do menino.

A forma como as imagens se sucedem fazem com que o leitor, em alguns desenhos, mesmo não vendo o rosto do menino, 'adivinha' a sua expressão. O lobo investe contra a menininha. A menininha tenta enfrenta-lo. O lobo avança. A bonequinha chora. O menino exhibe expressão de medo, depois de desespero. Encolhe-se. Precipita-se em direção à cena com os braços estendidos. Rouba a bonequinha. O manipulador dos bonecos é outra personagem retratada. É o proprietário dos bonecos que cria a cena que tanto envolve o menino. O seu rosto, suas expressões, sua ação de perseguir o menino que foge com a bonequinha também são retratadas, emprestando mais suspense à narrativa. Rui de Oliveira (2010, p. 27) afirma que "por mais estranho que possa parecer, o que desperta o interesse do olhar é aquilo que supomos que estamos vendo." Cada página retrata um esboço do que seria a cena completa, mas o detalhe apresentado é suficiente para que o leitor vá compondo o enredo da história de amizade e proteção que envolve o menino, a pequena marionete e o homem, talvez proprietário ou manipulador dos bonecos.

A atividade de mediação mencionada, tem início apresentando o livro. Mostro a capa e a contracapa, sem comentar as ilustrações. Em seguida, mostro o livro. O objeto. Observe-se que em todas as ocasiões em que uso Datashow para ler livros, apresento antes o próprio livro, por considerar a projeção como uma boa opção para que um grupo grande de pessoas visualize bem um livro. No entanto, essa projeção não mostra de forma eficaz o projeto gráfico do livro, uma vez que todos os livros projetados aparentam ter o mesmo formato, as mesmas dimensões, a mesma qualidade do papel utilizado. Mas, para que todos os alunos visualizem melhor cada

página do livro, em seguida, projeto o livro através de Datashow. Mostro também a sucessão de páginas, ainda sem comentar o sentido de cada ilustração, em cada página, sem buscar concatenar sentidos do conjunto para compor a narrativa. No final da visualização, imediatamente questiono os alunos sobre o que viram. Solicito que comentem sobre o que viram nas páginas apresentadas. Alguns se mostram um pouco confusos, sem se animar a dar qualquer opinião. Alguns encantados com as imagens e a história e alguns que não perceberam que as imagens ‘contavam’ uma história. Essa diferença nos resultados da visualização das imagens do livro vem demonstrar que uma única leitura é insuficiente para que todos os presentes componham uma leitura completa da narrativa que o livro traz.

Uma segunda leitura, agora dialogada, revisita a sucessão de imagens e, de forma dialogada, observando detalhes de cada imagem, a história vai se construindo. Os alunos têm a palavra para, lendo as imagens, os que identificaram uma narrativa nas imagens colaborar com todos os outros, considerando-se os vários níveis de compreensão e as várias formas de construção que vão se mostrando no decorrer da leitura. Apontando para os detalhes daquelas imagens que já foram criadas como esboços, observamos que elas retratam, principalmente, as expressões dos rostos e os gestos das personagens, vamos compondo, oralmente, uma narrativa. Considere-se que as várias sugestões de composição das cenas apresentadas na composição da história pelo grupo mencionam detalhes diferenciados que variam de leitor para leitor e que são melhor percebidos nos textos que, posteriormente forem escritos. Mesmo partindo de uma leitura em conjunto, quando cada participante redige a ‘sua’ história, aquela que lhe parece mais coerente das imagens do livro lido, as histórias posteriormente lidas para o grupo da sala de aula apresentam detalhes bem diferentes.

Essa atividade, simples no seu fazer, torna-se complexa no que significa em termos de leitura de imagem, no que se concebe como aproximar o leitor do livro, em iniciar o leitor em um gênero (e/ou autor) a que ele ainda não teve acesso. Faz com que ele se sinta apto a abordar, neste caso, um livro de imagem e a compor uma das narrativas que se pode criar a partir da sua leitura. O fato de o livro não trazer palavras impressas nas suas páginas, não quer dizer que ele é automaticamente lido por qualquer pessoa desavisada até então. Isso também não quer dizer que às pessoas que não sabem ler textos escritos é vetada a condição de saber ler um livro de imagem. Para Fittipaldi (2010), a imagem é uma linguagem com a qual se pode dialogar de igual para igual, o que autoriza o leitor a construir as suas próprias imagens visuais a partir das imagens que vê na ilustração. Compreender o fio narrativo que integra as imagens converge para a construção da narrativa pelo leitor. Construir uma narrativa a partir das imagens significa

estar apto a ler o livro, a tirar sentidos das imagens em separado e do conjunto que é formado por elas.

5. A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Ler livros de imagem constitui-se como atividade lúdica de raro sabor. Visualizar as imagens, uma a uma, registrando os detalhes que o ilustrador fez constar, analisar as cores utilizadas, o traço do desenho ou a criação da imagem amplia a capacidade de ver o mundo, de participar da criação, da arte pictórica que povoa o mundo. A esse aspecto de pura fruição une-se a leitura dos sentidos que a cronologia das imagens postas na página indica como fator de orientação para compreender as mensagens que se anunciam nas capas, nas páginas do livro.

Sensibilizar os professores para envolver-se com a literatura infantil tem sido uma ação constante na intenção de manter funcionando, nas escolas, projetos de leitura literária, por puro gosto dos professores em utilizar os livros que estão na biblioteca, em muitos casos, sem uso pelos alunos. Acredito que um professor apaixonado pela literatura não deixa seus alunos sem ter acesso a ela. Cuidar para que os professores redescubram os livros de literatura, apaixonem-se por eles e busquem formas de lhes dar vida, incluindo seus alunos nesse gosto, é o ponto crucial desta proposta pedagógica, aqui, em parte, retratada.

Dentre os livros analisados em leituras propostas com professores e estudantes do Curso de Pedagogia foram aqui mencionado o livro de imagem. A pesquisa mostrou que a mediação de leitura é importante para que o leitor aprecie qualquer gênero literário. No tocante ao livro de imagem, essa necessidade de mediação de leitura existe, mesmo em se tratando de adultos alfabetizados, leitores mas não afeitos à leitura sistematizada de imagens. O conjunto de imagens do livro apresentado como aparentemente simples, por se tratar de “um livro sem palavras”, para muitos leitores, envolve dificuldades para identificar uma narrativa a ser construída durante a leitura das imagens. É função do mediador de leitura, neste caso o(a) professor(a), ajudar o leitor a “buscar as palavras para explicar/compreender o livro”.

6. REFERÊNCIAS:

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, Ieda (org). **Com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

GIROTTI, Cyntia G. Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA et all. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda (org). **Com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

OLIVEIRA, Rui de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda (org). **Com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

VINCENT, Gabrielle. **A pequena marionete**. 2ed. São Paulo: Editora 34, 2009.